

II LIBER ELEGIARUM, CARMEN II DA OBRA AMORES, DE JOHANNES SECUNDUS

Prof. Dr. Francisco de Assis Florêncio – UERJ

RESUMO:

Nosso trabalho tem por objetivo analisar e tecer comentários sobre a elegia II, do II livro *Amores*, obra composta em versos elegíacos e dividida em três livros. O primeiro é dedicado a *Julia Monobiblos* e tem como fonte de inspiração o primeiro livro de elegias de Propércio, *Cynthia Monobiblos*. No segundo, *Julia* é apresentada como *Lydia* e *Venerilla*, a pequena Vênus, e o tom dos versos é um pouco mais leve do que o primeiro, seguindo mais de perto o estilo ovidiano. O terceiro livro é menos interessante que os dois primeiros e é composto em forma de epístolas em versos.

Palavras-chave: Amores, Johannes Secundus, Poesia neolatina.

INTRODUÇÃO

O poeta em epígrafe introduz a obra em estudo com os seguintes versos:

Cui damus hos Elegos? tibi, qui legis ista libenter,

Cui micat in laeta fronte serena Venus.

Seria qui curas, procul hinc age seria, ferri

Nos sine, quo Pueri iura volantis agunt.

Secundus, Elegiae, 2.1.1-4

Os três livros de elegias de Secundus possuem apenas quarenta e três carmina: onze no primeiro; onze no segundo e dezoito no terceiro; as outras três, denominadas de “Elegiae Solemnes” foram acrescentadas ao *liber primus*. O primeiro livro, intitulado *Julia Monobiblos*, é, sem dúvida, o mais significativo e se constitui num ciclo de poemas amorosos direcionados a uma *puella* cujo pseudônimo literário é Júlia.

O segundo livro, embora trate da mesma temática, traz carmina sobre outras mulheres - em especial Neera - e também um *epithalamium* dedicado a Nicolaus Grudius por ocasião de suas núpcias.

O terceiro livro tem um *proemium* e é uma miscelânea de elegias sobre assuntos diversos, inclusive o amor.

CARMEN II, LIBER II

Tempore cur dicto cessas, Venerilla, venire?1

Ecce tibi torus est, ecce paratus Venus,
Qualem Tyndaridi spatiosa per aequora raptae
Tutus in Iliaca solvit adulter humo.
Ipsa Venus violis et puniceis amaranthis⁵
Et totum Cyprio sparsit odore torum.
Ipse torum face lustravit flammante Cupido,
Transiliens agili candida fulcra pede.
Quid cessas, formosa? Tuum sic ludis amantem?
An magis exiguo tempore discrucias¹⁰
Obsequio ut meliore moram lasciva repenses,
Dilatusque avida mente bibatur amor?
Ah nimium mihi tarda, et tarda tardior hora
Qualem male dinumeras tempora quae numero!
Sed cur dinumeres, cum malis fallere amantem?¹⁵
Forsitan haec aliis hora parata fuit.
Dumque ego blanditiasque tuas et roscida mente
Oscula praecipio, multiplicesque vices,
Dum vacuum falsis complexibus aëra capto,
Dum mea in absentes porrigo colla manus,²⁰
Et quemcunque movet strepitum levis aura per aedes
Dilectos dominae suspicor esse pedes,
Demulces alium tepido periura cubili,
Cum quo disperdas gaudia pacta mihi.
Forsitan et de me teneros motura cachinnos²⁵
Miscetur vestris fabula nequitiis.
Hei, quid in immeritam tam turpia crimina fingo?
Credo equidem, faciles iam movet illa gradus,
Iamque pedem thalamis ponet cultíssima nostris.
Fallor, na in nostro limine latrat Hylax? ³⁰

Por que, pequena Vênus, tu deixas de vir na hora marcada? Eis que para ti a cama e o amor estão preparados, tal qual o adúltero, seguro quanto ao rapto da filha de Tíndaro, navega, pelo espaçoso mar, em direção à terra de Tróia. A própria Vênus já começou a perfumar todo o leito com violetas, com púnicos amarantos e com perfume de Chipre. O

próprio Cupido, atravessando o cândido leito com o ágil pé, iluminou a cama com sua tocha flamejante. Por que demoras, formosa? É deste modo que brincas com o teu amante? Acaso, por um curto espaço de tempo, me atormentas mais para que me recompenses a demora com um obséquio melhor do que a lascívia e para que o amor confessado seja bebido por uma mente ávida? Ah! Já é bem tarde e mais tarde ficará; tu calculas mal o tempo que eu conto! Mas por que calcularias, já que preferes enganar o amante? Talvez esta hora tivesse sido preparada para outras pessoas. E enquanto eu, no meu pensamento, tomo as tuas carícias e os teus doces beijos e as tuas múltiplas mudanças, enquanto eu, com falsos abraços, seguro o vazio ar, enquanto eu estendia a minha mão ao pescoço ausente, e uma breve brisa que cria qualquer ruído em casa, eu suspeito que seja os queridos pés da minha dona; tu, porém, pérfida, afagas, em teu tépido leito, outro, quando, em razão disso, destróis alegres pactos. Talvez uma história sobre mim, que produzirá alegres gargalhadas, seja misturada à vossa devassidão. Ai! Por que atribuo tantos crimes torpes a quem não é merecedora? Creio, com certeza, que ela, neste momento, sobe os degraus facilmente e põe os elegantes pés em nossa alcova. Estou me enganando ou em nossa porta ladra Hilactor?

COMENTÁRIOS

Logo no primeiro verso, graças ao neologismo *Venerilla*, o poeta chama a atenção para importância de Júlia em sua vida. Ela é a causa de sua paixão, sua pequena Vênus, ou seja, aquela que, como a deusa do amor, gera nele os sentimentos próprios daquele que ama e deseja. Após interrogá-la pelo fato de ela demorar a chegar, ele diz que já está tudo preparado para o encontro, tanto o leito, já arrumado, quanto o amor, ansioso pela presença da mulher amada. Nos dois versos seguintes, através de uma alusão histórica, ele compara o seu amor por Júlia ao amor de Páris por Helena. O primeiro, designado pela expressão *homo adulter*, é assim retratado pelo fato de ser ele amante de uma mulher casada; já ela aparece como *Tyndaridi*, isto é, filha, descendente de Tíndaro, pai da mulher mais bela do mundo.

Para designar o leito conjugal, aparecem no poema quatro vocábulos: *torus*, *fulcrum*, *cubile*, *thalamus*. O primeiro é o substantivo empregado mais usualmente para designar “o leito conjugal ou nupcial”; o segundo, que é “a parte que segura a cama, o leito”, ou seja, “o pé da cama”, também é empregado, por metonímia, para representar “a cama”; já *cubile*, oriundo do verbo *cubāre* (deitar), é um termo de clara nuance erótica, pois designa, primeiramente, “um lugar próprio para pessoas ou animais se

deitarem”, vindo a aflorar depois o seu segundo significado: “deitar-se para realizar o coito”; já *thalamus*, do grego *θαλαμος*, é o “quarto de dormir”, designando, metaforicamente, “o leito nupcial”.

Nos versos 5 e 6, fica claro a importância do cheiro presente no leito para que o desejo seja despertado nos amantes. Assim, sob os cuidados de Vênus, flores aromáticas são espalhadas pela cama e ela é perfumada com uma fragrância oriunda de um lugar célebre pela produção de perfumes, Chipre.

Nos dois versos seguintes, Vênus dá lugar a Cupido e este se responsabiliza pelo ritual próprio do ser alado: iluminar o leito onde ocorrerá o enlace e inflamar, com sua tocha, os corações dos amantes.

A ansiedade que toma conta do coração do amado – presente no primeiro verso - em razão da demora da amada, é retomada no nono verso pela repetição da forma verbal *cessas*, acompanhada pelas partículas interrogativas *cur* e *quid*.

Do nono ao décimo quarto verso, o vate prefere pensar que a longa demora da amada se deve a algo especial que talvez ela tenha preparado ou esteja preparando para ele: a demora seria uma espécie de charme; ela estaria planejando algo mais “caliente” para a relação;

Porém, nos vv. quinze e dezesseis, ele, vencido pelo tempo, começa a desconfiar de que ela o esteja traindo e de que, naquele exato momento, tudo que deveria ser dado a ele estava sob o poder de outro amante.

Do dezessete ao vinte e dois, em sua mente, o poeta principia a imaginar os momentos de gozo e prazer que poderia estar desfrutando naquele momento, caso a sua *puella* lá estivesse: carícias, beijos, abraços. E a sua ansiedade é tão grande que qualquer ruído o leva a pensar que seja os passos da amada.

Merece destaque a anáfora realizada com a conjunção *dum* (vv.17-20). Este conectivo, regendo aqui várias orações temporais, é empregado para marcar o tempo em que se encontra o eu-poético: um tempo imaginário, próprio daqueles que ficam sonhando acordados com a pessoa amada e com os prazeres proporcionados pela presença dela.

Do vinte e três ao vinte e seis, contudo, ele acusa a mulher amada de traí-lo e de estar naquele instante deitada em outro leito. Para tanto, ele emprega o adjetivo *periura* para denegrir a imagem dela; o adjetivo *tepido*, para descrever o quão gostoso e receptivo é o leito da infiel; acusa-a também de quebrar os *pacta amoris* outrora

firmados por eles e de, por fim, em meio aos prazeres com outro, estar a rir e a contar anedotas a respeito dele.

Nessas idas e vindas de sentimentos antagônicos, o eu-poético volta ao seu estado anterior e, graças à interjeição *Hei*, que designa “dor”, “pesar”, lamenta-se e sofre por ter levantado falso contra sua amada.

Nos versos vinte e oito e vinte e nove, o eu-lírico, ao empregar a forma verbal *credo*, procura mostrar que não só ele é fiel à pessoa amada, mas que também acredita na fidelidade dela. Esta fidelidade se configura pela sensação de que ela, deixando tudo para trás, dirige-se à sua casa e que, repentinamente, adentrará em sua alcova.

O poeta, no último verso, parece voltar à realidade ao empregar *fallor*, mas logo em seguida, ao fazer uma alusão mitológica, retorna ao seu mundo de sonhos e ilusão, ao ver a amada como alguém especial e que só não entra em sua casa porque é impedida pelo feroz Hilactor, um dos cães pertencente à personagem mitológica Acteão, filho de Apolo e da ninfa Cirene, o qual, após ter visto Ártemis a se banhar, foi castigado por esta e transformado em um veado, que foi perseguido e devorado por seus próprios cães.

BIBLIOGRAFIA

PRICE, David. *Janus Secundus*. Tempe, Arizona: Medieval & Renaissance texts & studies, 1996.

SMITH, William & LOCKWOOD, John. *Chambers Murray Latin-English Dictionary*. Great Britain: Cambridge University Press, 1997.

WRIGHT, F. A. *The love poems of Johannes Secundus*. A revised latin text and an english verse translation.

New York: E. P. DUTTON & CO., INC., 1930.